



Valor e significação/sentido: entrelaçamentos e efeitos na teoria saussuriana

Camila Pilotto Figueiredo¹

RESUMO:

O presente artigo objetiva abordar o problema da relação entre valor e significação/sentido no pensamento saussuriano, fornecendo uma possibilidade de resposta à questão de como tal relação se estabelece. Primeiramente, serão exploradas as dificuldades de delimitação entre as duas noções. Em seguida, será realizado um panorama da noção de valor, a fim de conectá-lo com a significação/sentido; será defendido, assim como Claudine Normand ([2000] 2009) faz, que existe uma relação de dependência da significação quanto ao valor, o que nos leva a entendê-los como não sendo sinônimos; todavia, daremos enfoque ao modo como tal vinculação se estabelece. Por fim, será evidenciado por que a distinção entre esses conceitos é necessária para afastar a visão de língua como sistema de signos da perspectiva de língua como nomenclatura. Como conclusão, tal exposição reiterará o lugar fundamental do valor linguístico na teorização saussuriana. A metodologia será de cunho bibliográfico, tendo como fundamentação teórica principal as seguintes obras que compõe o *corpus* saussuriano: *Curso de linguística Geral*, *Escritos de Linguística Geral* e *Terceiro Curso de Linguística Geral*. O artigo também fará uso de artigos e obras de reconhecimento nacional e internacional que contribuem para esclarecer questões relativas aos temas abordados.

PALAVRAS-CHAVE:

Valor;
Significação/sentido;
Língua como
nomenclatura.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFPel. Mestra, Bacharela e Licenciada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: figueiredo.camilapilotto@gmail.com. Orcid: 0000-0002-3080-9367

1 Introdução

"O valor [...], nós o tomamos com tudo o que ele tem de claro e de obscuro". (SAUSSURE, 1993, p. 141)

Inserido em uma das seções mais conhecidas do *Curso de Linguística Geral* (CLG) - *Parte II - Linguística sincrônica* – (2006), a noção de valor é explorada de modo central em ao menos três capítulos da obra. Não obstante, como ressalta Claudine Normand, "sobre o valor, não houve debate nem controvérsia; a tendência foi, sobretudo, negligenciar essa peça-mestra da teoria (nos passos de Meillet, que a ignora em sua resenha sobre o CLG) ou subestimar sua relação com outros conceitos" (NORMAND, [2000] 2009, p. 158).

Se o valor foi, em geral, negligenciado, e isso num contexto de recepção francesa, conseqüentemente, a noção de significação/sentido também o foi, haja vista que, no pensamento saussuriano, elas estão estreitamente conectadas. Considerando que, no Brasil, o CLG possui impacto mais expressivo apenas a partir de 2004², com a publicação da tradução dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG) (2004), a discussão acerca da teoria saussuriana, por meio da leitura do CLG e de outras obras que compõem o *corpus* do linguista, ainda é muito recente (FLORES, 2017). Conseqüentemente, há muito ainda a discutir acerca do valor linguístico em sua relação com a significação/sentido.

Ademais, explorar os significados desses conceitos e suas relações é de fundamental importância porque, no CLG (2006), encontramos a afirmação de que a falta de distinção entre significação e valor pode levar à redução da língua a uma simples nomenclatura, ou seja, a uma visão de língua como uma mera lista de nomes os quais designam objetos existentes na mundo. Na referida obra, apesar de encontrarmos elementos que auxiliem na compreensão dessa afirmação, tal questão não é clara, sendo necessário analisá-la em conjunto com outras fontes que compõem o *corpus* saussuriano.

Tendo em vista o que foi dito, o presente artigo tem por objetivo abordar o problema da relação entre valor e significação/sentido no pensamento de Saussure. Num primeiro momento, serão exploradas as dificuldades de delimitação entre as noções. Em seguida, será realizado um panorama da noção de valor, a fim de conectá-

² Como ressalta Flores (2017), o CLG possui uma versão traduzida para o português brasileiro apenas em 1970, 54 anos após a publicação da obra em francês. Esse atraso na tradução tem como consequência que a obra não seja apresentada aos estudantes dos cursos de Letras do Brasil como fundamental, visto que, nesse período, já estavam consolidados estudos do pensamento de outros autores, como Noam Chomsky e William Labov. Assim, nesse primeiro momento, o impacto da obra não é grande e o pensamento saussuriano é atravessado por interpretações já correntes na época - como a estruturalista, por exemplo. O CLG terá uma segunda recepção a partir de 2004, quando a obra ELG (2004) é traduzida, o que reacende um interesse pelo CLG e leva a novas perspectivas sobre o pensamento de Saussure.

lo com a significação/sentido; sustentaremos que existe uma relação de dependência da significação quanto ao valor, o que nos leva a entendê-los como não sendo sinônimos. Essa defesa já foi realizada por outros autores, como Claudine Normand ([2000] 2009), por exemplo; todavia, daremos enfoque detalhado no modo como essa relação se estabelece. Finalmente, será fornecida uma interpretação acerca de como a distinção entre esses conceitos afasta a teoria saussuriana da visão de língua como nomenclatura. Nossa conclusão aponta para a reiteração da centralidade da noção de valor linguístico na teoria saussuriana.

A metodologia será de cunho bibliográfico. Escolhemos o *Curso de Linguística Geral* (2006), o caderno de Constantin, denominado *Terceiro Curso de Linguística Geral* (IIIICLG) (1993), bem como os *Escritos de Linguística Geral* (2004) como obras principais de análise. Apesar de tratarem-se de documentos de naturezas diferentes – sendo a primeira uma edição póstuma organizada a partir de anotações de alunos, a segunda um dos cadernos dos alunos que participaram das aulas de Saussure e o terceiro a transcrição de manuscritos do linguista – consideramos que todas essas fontes são importantes no *corpus* saussuriano e complementam-se umas às outras, abordando significativamente o tema que aqui é de nosso interesse. Por fim, faremos menção a artigos e livros de pesquisadores relevantes que abordam o tema investigado, a fim de lançar luz e a fim de complementar aspectos importantes da teoria os quais já tenham sido abordados acerca dessa temática.

2 Valor e significação/sentido: dificuldades de delimitação

Um dos grandes percalços da teorização saussuriana é a distinção entre as noções de valor e significação/sentido. Essa discussão fica evidente através de uma série de passagens em que parece haver posicionamentos distintos no que tange à relação entre esses termos. O próprio linguista reconhece que é confuso estabelecer uma diferenciação entre eles. Essa dificuldade de distinção é tão grande que, nos ELG (2004), esses termos aparecem como sinônimos:

Não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os *termos valor, sentido, significação, função* ou *emprego* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não significa, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. (SAUSSURE, 2004, p. 30, grifo do autor)

É interessante notar que, apesar da alegada sinonímia entre esses termos, o mestre genebrino nessa passagem já ressalta alguma diferenciação entre as mesmas,

visto que afirma que o valor exprime melhor a essência da língua do que as demais noções.

No CLG (2006), apesar de a dificuldade entre a distinção das noções ser atestada, a confirmação de que há diferenças entre elas já se mostra de modo mais evidente:

Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama significação? Essas duas palavras são sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que eles assinalam. (SAUSSURE, 2006, p. 133).

Há, pois, uma sutileza a ser captada se quisermos compreender o modo como tais noções se afastam, ao mesmo tempo em que se aproximam. No entanto, realizar tal distinção é fundamental, haja vista que a obscuridade desses conceitos, quando não esclarecidos, pode “reduzir a língua a uma simples nomenclatura” (SAUSSURE, 2006, p.133).

Por fim, essa sutileza se mostra não tão amena quando encontramos a afirmação de que “fazendo parte de um sistema, [uma palavra] está revestida não só de uma significação, como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente” (SAUSSURE, 2006, p. 134). Ou seja, nessa passagem há a indicação de que há algum aspecto em que os dois termos diferem consideravelmente.

A sequência dessas passagens nos permite perceber que, sob determinados aspectos, é bastante plausível confundir significação e valor, a ponto de considerá-los sinônimos. Todavia, existe pelo menos alguma outra face dessas noções que as distingue fundamentalmente.

Quando investigamos o aspecto de entrelaçamento entre as noções, é notável, a partir do *corpus* saussuriano, que há uma relação de dependência entre valor e significação/sentido. Entretanto, compreender como ocorre a relação de subordinação entre esses termos não é isento de problemas.

No capítulo do CLG (2006) intitulado “Natureza do signo linguístico”, encontramos uma afirmação que parece colocar o valor como submetido à noção de significação: “O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência” (SAUSSURE, 2006, p. 133). Já nessa perspectiva, o valor parece ser identificado a um elemento da significação, o que leva à compreensão de que a noção de significação seria mais ampla do que a de valor, de modo que ele seria um elemento que a compõe.

Todavia, há também no CLG (2006) a noção de significação aparecendo como dependente do valor, o que contradiz a perspectiva anterior acerca da significação: “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem

distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação” (SAUSSURE, 2006, p.137).

Visto que, através das passagens anteriormente citadas, é evidente que o valor expressa melhor a essência da questão, consideremos essa noção pelo ponto de vista de seu funcionamento na língua, para, a partir daí, buscarmos entender sua relação com a significação.

3 Valor e significação/sentido em funcionamento

No CLG (2006), não encontramos uma definição de valor linguístico. Entretanto, encontramos sua caracterização. No principal capítulo dedicado à noção de valor, há a afirmação de que ele será sempre constituído "1. por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar", e, ainda, "2. por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa" (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 134). O valor de uma palavra, então, será determinado por algo dessemelhante que se troca por ela (uma ideia), e por algo semelhante, da mesma natureza (outra palavra).

No CLG (2006), entendemos que tal caracterização não evidencia toda a sua importância. No caderno de Constantin (1993), o qual compõe o III CLG, poucos parágrafos após uma caracterização similar à recém mencionada que aparece no CLG (2006), nos deparamos com a seguinte afirmação:

Jamais poderemos encontrar a significação de uma palavra considerando apenas a coisa substituível, mas somos obrigados a comparar a série <similar> de palavras comparáveis. Não se pode tomar as palavras isoladamente. É assim que o sistema <de onde procede o termo> é uma das fontes do valor. É a soma³ dos termos comparáveis por oposição à ideia trocada. (SAUSSURE, 1993, p.130, tradução nossa)⁴

A partir dessa passagem, percebe-se que o ponto em afirmar que o valor se constitui pelas duas ordens mencionadas aponta para as relações que constituem o valor: as relações associativas e as relações sintagmáticas.

As relações associativas caracterizam-se como relações *in absentia*, ou seja, relações que ocorrem fora do discurso as quais implicam associações cuja sede reside no cérebro do falante. Isso significa que, a partir do tesouro mental de cada um, são

³ É importante notar aqui que o termo "soma" não significa que o sistema seja uma adição de signos, significa apenas que o valor dos signos, e os próprios signos, se constituem pelas oposições entre termos comparáveis e ideias trocáveis (SAUSSURE, 2004).

⁴ Tradução nossa do original em francês: *Jamais on ne pourra trouver la signification d'un mot en ne considérant que chose échangeable, mais on est obligé de comparer la série <similaire> de mots comparables. On ne peut prendre les mots isolément. C'est ainsi que le système <d'où procède le terme> est une des sources de la valeur. C'est la somme des termes comparables par opposition à l'idée échangée.*

passíveis de serem criadas séries associativas diversas, dependendo do aspecto a ser considerado no processo inconsciente de escolha dos signos (SAUSSURE, 2006).

Pode-se associar a palavra *enseignement* a séries associativas diversas: se tomamos o radical da palavra como referência, podemos associá-lo a *enseigner*, *enseignons*, entre outros. Ao partimos do sufixo *-ment*, outra série associativa pode surgir: *armement*, *rendement*, etc. Ainda, ao considerarmos o termo pelo aspecto do significado, poderíamos associá-lo a *instruction*, *éducation*, entre outros. Trata-se aqui, então, da constituição do valor por termos dessemelhantes, passíveis de serem trocados (SAUSSURE, 1993).

As relações sintagmáticas, por sua vez, dizem respeito à relação entre termos que são encadeados linearmente, *in praesentia*. Nessa cadeia linear, o valor de cada termo é estabelecido pela delimitação dos termos vizinhos num sintagma: "um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos" (SAUSSURE, 1916, p. 142). Diz respeito, pois, à ordem das coisas semelhantes, que podem ser comparadas.

O eixo das relações sintagmáticas é intimamente conectado ao princípio de linearidade do significante. Tal princípio estabelece que o significante toma do tempo as características de extensão e de dimensão linear. Assim, esse princípio limita o modo de ocorrência das relações sintagmáticas e, conseqüentemente, o modo com que os termos adquirem valor nesse eixo de relações.

Ambos os eixos ordenam, conjuntamente, o funcionamento do sistema. Isso significa que o valor se constitui não só a partir de sua relação opositiva com os termos vizinhos do sintagma, mas também pelas escolhas que não foram feitas ao se escolher determinada palavra na composição do sintagma. Se escolhermos utilizar no sintagma a palavra "recear" ao invés de "temer", ou da expressão "ter medo", o valor de "recear" se estabelece também pela ausência de escolha dos demais termos a ele associados.

De posse da compreensão de como o valor funciona, consideremos agora a noção de significação, a fim de pensá-la em seu funcionamento conjunto com o valor linguístico.

Primeiramente, em diversos momentos do CLG (2006), a noção de significação aparece como equivalente a conceito, significado: "Tomemos inicialmente, a significação tal como se costuma representá-la e tal como nós a representamos na p. 80 s. Ela não é, como o indicam as flechas da figura, mais que a contraparte da imagem auditiva" (SAUSSURE, 2006, p. 133).

Conseqüentemente, significação aparece também como sinônima de sentido: "Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união

do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (SAUSSURE, 2006, p.23).

Se considerarmos essas passagens isoladamente, não fica claro qual é a relação do valor com a significação, visto que, enquanto o valor é a contrapartida de um signo com os demais termos do sistema, o sentido é a contraparte da imagem acústica (SAUSSURE, 1993). De fato, a partir do IIIICLG (1993), se atesta que, partindo desse elo, sem antes abordar o valor, o signo aparece como palavra isolada, absoluta, como se estivéssemos partindo dos signos para entender o sistema (SAUSSURE, 1993).

Em outras palavras, é necessário compreender a significação a partir do sistema. Nesse caminho, todavia, nos deparamos com um paradoxo:

Aqui está o paradoxo, em linguagem baconiana, <a caverna> contendo uma armadilha: é que a significação que nos aparece como a contrapartida da imagem acústica é ao mesmo tempo a contrapartida dos termos coexistentes na língua. Nós acabamos de ver que a língua representa um sistema onde todos os termos aparecem como ligados por relações. (SAUSSURE, 1993, p. 135, tradução nossa)⁵

Quando pensamos a relação significado/significante a partir do sistema, necessariamente pensamos o signo em suas relações com os demais termos. Ao fazermos isso, notamos que é impossível desvincular significação de valor. Assim como não existe significado sem significante, nem significante sem significado, não existe signo sem o valor. Por essa razão é que a significação também é a contraparte dos termos coexistentes; a relação opositiva com os demais signos é condição de sua existência.

O valor, lembremos, é aquilo que constitui o sistema e ao qual se chega através dele (SAUSSURE, 1993). "Em resumo, a palavra não existe sem um significado, assim como um significante. Mas o significado é apenas o resumo do valor linguístico supondo o jogo dos termos entre eles, em cada sistema de língua" (SAUSSURE, 1993, p. 141).

Na aula de 30 de junho de 1911 (IIIICLG, 1993), capítulo V, quando é analisada a relação entre valor e sentido, o esquema da relação entre significado e significante é abordado em conjunto com tais noções. Assim, a necessidade de compreender a relação entre significado e significante a partir do valor se mostra clara:

Se se retorna agora à figura que representava o significado ao lado do significante, se vê que ela tem, sem dúvidas, sua razão de ser, mas ela não passa de um **produto secundário** do valor. O significado sozinho não é nada, ele se confunde com uma massa amorfa. O mesmo para o

⁵ Tradução nossa do original em francês: *Voici le paradoxe, en langage baconien «la caverne» contenant un piège: c'est que la signification qui nous apparaît comme la contrepartie de l'image auditive est tout autant la contrepartie des termes coexistants dans la langue. Nous venons de voir que la langue représente un système où tous les termes apparaissent comme liés par des rapports.*

significante. (SAUSSURE, 1993, p. 139, grifo nosso)⁶

Dizer que a relação entre significado e significante é um produto secundário do valor quer dizer que será a partir do valor que tal relação será compreendida. Ainda, significa dizer que não podemos considerar o significado existente de antemão. Quanto a esse ponto, diversas passagens do *corpus* saussuriano corroboram tal interpretação.

No CLG (2006), por exemplo, encontramos a afirmação de que "um conceito 'julgar' está unido à imagem acústica julgar; numa palavra, simboliza a significação; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e **sem eles a significação não existiria**" (SAUSSURE, 2006, p.136, grifo nosso).

Ainda, logo em seguida, é declarado que "[o] que importa na palavra não é o som em si, mas **as diferenças fônicas** que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois **são elas que levam à significação**" (SAUSSURE, 2006, p.137, grifo nosso).

Por fim, nos ELG (2004), há a asserção de que "como desde a idade dos quinze ou dezesseis anos, nós temos um senso aguçado do que está contido, não apenas nessas palavras, mas em milhares de outras, é evidente **que o sentido repousa no puro fato negativo da oposição de valores (...)**" (SAUSSURE, 2004, p.71, grifo nosso).

Assim, no que diz respeito às relações de dependência possíveis entre valor e significação, torna-se mais claro que não há identidade entre essas noções e que a dependência ocorre da significação com relação ao valor. Como consequência, fica evidente que não há sinonímia entre os termos. De fato, na única passagem encontrada que poderia sugerir uma visão oposta quanto à dependência entre os termos, uma análise sintática é suficiente para mostrar que tal relação de subordinação inversa não pode ser garantida.

Retomemos a seguinte passagem: "O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, **apesar de estar sob sua dependência** (SAUSSURE, 2006, p. 133, grifo nosso)". Como bem observa Micaela Coelho (2013), nessa passagem, a oração grifada apresenta sujeito oculto, de modo que o verbo 'estar' pode se referir tanto à 'esta' (significação) como a 'dele' (valor), e isso ocorre, conforme conferimos, mesmo na versão em língua francesa (SAUSSURE, 1967). Assim, é impossível estabelecer, por essa passagem, se a significação depende do valor ou se é o valor que depende da significação (COELHO, 2013); logo, tal citação não invalida nossa interpretação.

⁶ Tradução nossa do original em francês : *Si l'on revient maintenant à la figure qui représentait le signifié en regard du signifiant on voit qu'elle a sans doute sa raison d'être mais qu'elle n'est qu'un produit secondaire de la valeur. Le signifié seul n'est rien, il se confond dans une masse informe. De même pour le signifiant.*

Mesmo havendo relação íntima entre valor e significação, sendo a última dependente da primeira, valores diferentes nem sempre levarão a significações diferentes. Tal informação é de extrema relevância, pois confirma que, apesar do entrelaçamento entre as noções, tratam-se de conceitos distintos. Para entendermos essa questão, consideremos a seguinte passagem:

Alguns exemplos mostrarão que é de fato assim. O português *carneiro* ou o francês *mouton* **podem ter** a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa. (SAUSSURE, 2006, p. 134, grifo nosso)

Aqui, notemos que estamos tratando não mais de valor e significação dentro de um mesmo sistema linguístico, mas sim entre sistemas. Observemos também que a expressão grifada **podem ter** leva a compreensão de que não há garantias de que, “carneiro”, *mouton* e *sheep* tenham sempre a mesma significação. Por que isso acontece?

Interpretamos que, se considerarmos que os termos “carneiro” e *mouton* evocam tanto (1) a ideia do animal vivo quanto a (2) sua carne com vistas à alimentação, ao passo que *sheep* tem como conceito apenas (1), quando tomamos “carneiro” e *mouton* pela ideia (1), dizemos que eles possuem significação comum com a palavra *sheep*. Não poderíamos dizer o mesmo ao entendermos “carneiro” e *mouton* pela ideia (2) e compará-lo com *sheep*. Esse seria o caso em que diríamos que há significação diferente.

De qualquer modo, há valor diferente quando comparamos as primeiras palavras com a última porque, como está claro na passagem, *sheep* tem ao seu lado *mutton*, o que significa que haverá variação nas condições de emprego desse signo, quando em comparação a “carneiro” e *mouton*. Se a significação será a mesma, isso dependerá do valor que *sheep* adquirirá no discurso, a partir dos demais termos que o rodeiam. Isso se confirma em outro exemplo fornecido no CLG (2006):

O que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua, por exemplo às entidades gramaticais. Assim o valor de um plural português ou francês não corresponde ao de um plural sânscrito, **mesmo que a significação seja as mais das vezes idêntica**: é que o sânscrito possui três números em lugar de dois (meus olhos, minhas orelhas, meus braços, minhas pernas etc. estariam no dual); seria inexato atribuir o mesmo valor ao plural em sânscrito e em português ou francês, pois o sânscrito não pode empregar o plural em todos os casos em que seria de regra em português ou francês; seu valor, pois, depende do que está fora e em redor dele. (SAUSSURE, 2006, p. 135, grifo nosso)

Como o sânscrito, além do singular e plural, possui também o dual, as condições de emprego do plural não serão sempre as mesmas que em português e francês, o que significa que o valor em geral não é o mesmo. Entretanto, o valor que essa entidade gramatical adquirirá em um determinado discurso dependerá do que estiver em seu entorno; será na cadeia sintagmática que compreenderemos se o valor dessa entidade num termo será o plural ou o dual. A partir daí será possível, então, comparar a cadeia sintagmática com outras, a fim de avaliar se há mesma significação dos termos.

Recapitulando, os termos valor e significação evocam relações diferentes, mas se constituem conjuntamente. Como Claudine Normand (2009) sublinha, a significação envolve a relação interior do signo linguístico, diz respeito à contraparte da imagem acústica; essas duas noções só constituem o signo, por sua vez, por oposição aos demais termos do sistema. O valor, por sua vez, tange às relações de um signo com os demais signos que os rodeiam, levando à significação. Logo, significação/sentido e valor não são sinônimos, e a dependência existente concerne à significação com relação ao valor, pois ela é produto dele.

4 A inovação da significação/sentido saussuriano

No início do artigo, mencionamos uma importante passagem do CLG (2006) em que há a afirmação de que é fundamental esclarecer a distinção entre valor e significação, “sob pena de **reduzir** a língua a uma simples nomenclatura” (SAUSSURE, 2006. p.133, grifo nosso). O significado desse tipo de visão de língua é melhor explorado no CLG (2006) anteriormente a essa passagem, no capítulo intitulado “Natureza do signo linguístico”. Nesse momento da obra, encontramos a explicação do que seria a língua como nomenclatura: “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2006, p.79). Ou seja, estabelece-se, nessa visão de linguagem, uma relação entre a linguagem e o mundo dos objetos (NORMAND, [2000] 2009).

Tal visão fica mais clara a partir de uma passagem citada por Normand ([2000] (2009), presente na edição crítica de Rudolf Engler:

No capítulo semiologia

A maioria das concepções feitas, ou oferecidas, pelos filósofos da linguagem, remetem ao nosso primeiro pai, Adão, chamando para junto dele os diferentes animais e atribuindo um nome a cada um. Três coisas estão invariavelmente ausentes do dado que um filósofo acredita ser o da linguagem.

1º Primeiramente essa verdade sobre a qual nem insistiremos que o fundo da linguagem não é constituída de nomes. É um acidente quando um objeto linguístico encontra-se em correspondência com um objeto definido pelos sentidos, como um *cavalo*, o *fogo*, o *Sol*, em vez de uma ideia como *ἐθηκε*, “ele pousou”.

[...] primeiro o objeto, depois o signo, logo (o que sempre negaremos) base exterior dada ao signo e a figuração da linguagem através dessa relação:



enquanto a verdadeira figuração é a-b-c, fora de qualquer conhecimento de uma relação efetiva como * _____ a fundada sobre um objeto. (E.1, 273 apud NORMAND, [2000] 2009, p.153-154, grifo do autor).

A presente passagem reforça algo que já é apresentado nas passagens recém mencionadas do CLG (2006): a negação de uma visão designativa de linguagem, em que interessa a relação entre nomes e objetos diretamente, apontando para a referência entre linguagem e mundo. É interessante notar, ainda, que na passagem mencionada, faz-se referência aos filósofos da linguagem indistintamente. No CLG (2006), encontramos também a visão de língua como nomenclatura é atribuída a "certas pessoas", o que não indica de quem se trata. Torna-se difícil compreender essa noção por essa via, já que, na verdade, as teorias da significação filosóficas são distintas umas das outras, variando de acordo com cada pensador. Tullio de Mauro (1967), entretanto, afirma que a origem de uma visão de língua como nomenclatura seria aristotélica.

De posse de tudo o que foi dito nas até o momento, retornemos a uma de nossas inquietações iniciais. Caso não distinguíssemos significação de valor, por que a língua seria reduzida a uma nomenclatura?

Primeiramente, interpretamos que, caso tratássemos os dois termos como sinônimos, correríamos justamente o risco de tomar a noção de valor como significação não na perspectiva saussuriana, mas em seu sentido tradicional, mais intuitivo, que diz respeito às teorias da referência. Segundo Lycan (2008), as teorias da referência defendem que expressões linguísticas possuem significado porque elas representam coisas que existem na realidade, funcionando como rótulos. Essa visão, diz o autor, é bastante atrativa no senso-comum, sendo "tão atraente que a maioria de nós pensa nisso quando temos dez ou onze anos" (LYCAN, 2008, p.03). Como consequência dessa possível confusão, a noção de conceito não seria mais compreendida em relação com a imagem acústica, mas em conexão a um referente no mundo e, assim, reduziríamos a língua a uma nomenclatura.

Desse ponto de vista, evidentemente o sistema seria uma soma de signos, pois sua composição não poderia mais ser dada por oposições, já que os conceitos na visão saussuriana são definidos negativamente por suas relações opositivas, ou seja, por

seus valores. Assim, a significação seria dada previamente por algo externo a ela, ou seja, pela realidade, a qual determinaria o significado do signo.

Isso significa que as ideias seriam dadas de antemão pela própria realidade, levando o signo a ser reduzido a um nome. Chiesa (2008) ressalta que o aspecto central da teoria da nomenclatura que seria alvo de críticas no *corpus* saussuriano, como o CLG (2006) e os ELG (2004) diz respeito à dependência que a linguagem teria da realidade, pois há o entendimento de que a língua é autônoma em relação a ela, sendo o conceito, a significação, interno ao signo.

Como consequência, o vínculo entre significado e significante deixaria de ser arbitrário. É o que se constata também a partir do IIIICLG (1993):

O que seria necessário para <que> essa relação <entre> o significado e o significante fosse dada em si [?]. Seria necessário antes de tudo que a ideia fosse determinada <previamente> e ela não o é. < seria necessário antes de tudo que o significado fosse uma coisa previamente determinada e ele não o é>. (SAUSSURE, 1993, p.139)⁷

E, como resultado dessa determinação prévia do conceito:

<Alguns exemplos> Se as ideias fossem pré-determinadas no espírito humano antes de serem valores de língua, uma das coisas que aconteceria, forçosamente, é que os termos de uma língua e de outra se corresponderiam exatamente. (SAUSSURE, 1993, p.139)⁸

Em resumo, todo o funcionamento do sistema seria abalado, e em conjunto, toda a teorização saussuriana acerca da língua. Nessa perspectiva, o valor seria uma noção despropositada, visto que ele existe por suas relações de oposição aos signos do sistema, que por sua vez só existem pela relação interna entre significado e significante. A significação existe com relação à imagem acústica, não à realidade. Se não há mais relação entre os dois, não há mais relação entre os termos do sistema entre si e, finalmente, não há mais sistema na teorização saussuriana acerca da língua.

É relevante retomarmos o início do artigo e questionar, por fim, como interpretar a passagem apresentada em que é afirmada a sinonímia entre valor, significação e outros termos. Entendemos que a noção de sinonímia deve ser compreendida, nesses casos, através da ideia da redução de um termo a outro. É importante notar que faz diferença se reduzimos valor a significação ou significação a valor, pois, sempre, numa redução, prevalecem as características do elemento não

⁷ Tradução nossa do original em francês : *Que faudrait-il pour <que> ce rapport <entre> le signifiant et le signifié fût donné en soi[?] Il faudrait avant tout que l'idée soit déterminée <par avance> et elle ne l'est pas. <Il faudrait avant tout que le signifié fût par avance une chose déterminée et elle ne l'est pas.>*

⁸ Tradução nossa do original em francês : *<Quelques exemples> Si les idées étaient prédéterminées dans l'esprit humain avant d'être valeurs de langue, une des choses qui arriverait forcément, c'est que les termes d'une langue dans une autre se correspondraient exactement.*

reduzido, característico como termo mais fundamental.⁹ Assim, tal relação envolveria não a redução de valor a significação, e sim a da noção de significação a valor: "É importante não tomar o sentido de outro modo que não seja um valor" (SAUSSURE, 1993, p.134). Tal redução nos parece plausível apenas na medida em que já entendemos que a significação resulta do valor, de modo que estamos dizendo **metaforicamente** que significação é valor porque, sem o valor, a significação na perspectiva saussuriana não existe. Isso significa que não são sinônimas, mas nos expressamos como se fossem pela sua relação de indissociabilidade fundamental.

5 Considerações Finais

Como menciona Normand (2000), o pensamento saussuriano, mais do que estabelecer um ponto de vista, leva a repensar o modo tradicional de conceber a língua, o qual permaneceu por muitos séculos na história humana sendo entendida como um instrumento imperfeito de designação dos objetos do mundo. Na visão saussuriana de língua como sistema, o sentido adquire um novo *status* na teoria saussuriana, não mais preso à referência ao real, o que só é possível a partir da noção de valor linguístico.

O sentido, na teorização saussuriana, adquire tal *status* sendo dependente, produto da noção de valor, estando a ele intrinsecamente conectado, embora dele se distinga. Percebemos que considerar as consequências da ausência de distinção entre esses termos é de toda a importância, visto que ela torna clara a importância do valor na teorização saussuriana e, além disso, comprova que a visão de significação/sentido, que aí decorre, em nada se assemelha à visão de língua como nomenclatura.

O valor, por fim, mostra a sua centralidade no pensamento saussuriano por ser um ponto chegada absolutamente indispensável para a possibilidade de existência da língua como sistema de signos, de modo que, sem ele, a concepção saussuriana de língua ruiria.

⁹ De acordo com o dicionário do CNRTL (Centre Nationale de Ressources Textuelles et Lexicales): "No dom *philos*. Todo o procedimento suscetível de reduzir um raciocínio, um encadeamento de ideias a sua origem, a aquilo que ele comporta de **essencial, de fundamental**" (2012, grifo nosso, tradução nossa).

Referências

CHIESA, C. “Saussure, Aristote et l’onymique.” **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 61, p. 5–21, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27758767>. Acesso em: 19 mai. 2022.

COELHO, M. **Significação em Saussure** - os três Cursos de Linguística Geral. Anais do SILEL. v.3, n.1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

DE MAURO. T. Notes. In.: SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967, p. 405-477.

FLORES, V. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

LYCAN, W. **Philosophy of Language** - a contemporary introduction (2nd edition). London & New York: Routledge, 2008.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RÉDUCTION. In.: **Centre Nationale de Ressources Textuelles et Lexicales**. Nancy: ATILF, 2012. Disponível em: <https://cnrtl.fr/definition/r%C3%A9duction>. Acesso em : 20 mai. 2022.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

SAUSSURE, F. **Deuxième Cours de Linguistique Générale/Second Course in General Linguistics (1908-1909)**: d’après les cahiers d’Albert Riedlinger & Charles Patois (Ed. e trad. E. Komatsu e G. Wolf). Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1993.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.



Value and meaning: interlacements and effects in Sausurian theory

ABSTRACT:

This article aims to address the problem of the relationship between value and meaning in saussurean thought, providing a possible answer to the question of how such a relationship is established. First, the difficulties of delimitation between the two notions will be analyzed. Then, an overview of the notion of value will be carried out, in order to connect it with meaning; it will be argued, as Claudine Normand ([2000] 2009) does, that there is a relationship of dependence between meaning and value, which leads us to understand them as not being synonymous; however, we will focus on how such a link is established. Finally, it will be shown why the distinction between these concepts is necessary to distance the vision of language (*langue*) as a system of signs from the perspective of language (*langue*) as nomenclature. In conclusion, this exposition reiterates the fundamental place of linguistic value in the constitution of language as a system of signs. The methodology will be of a bibliographical nature, having as main theoretical foundation the *Course of General Linguistics*, the *Writings in General Linguistics* and the *Third Course of General Linguistics*. The article also has the support of articles and works that they created on the theme of the concepts of value and meaning (*signification/sens*), as well as their relationship.

KEYWORDS:

Value;
Meaning;
Language as
nomenclature.